Versos

reunidos por Luís da Câmara Cascudo

Lourival Açucena (Lorenio)

pseud. de Joaquim Eduvirges de Mello Açucena

1827-1907

Fonte:
AÇUCENA, Lourival. Lorenio (Joaquim Eduvirges de Mello Açucena). *Versos* reunidos por Luís da Câmara Cascudo. 2. ed. Natal: Editora Universitária/UFRN, 1986. 113 p. [**Texto proveniente de:** AÇUCENA, Lourival. (Lorenio), pseud. de Joaquim Eduvirges de Mello Açucena, 1827-1907. *Versos* reunidos por Luís da Câmara Cascudo. Natal, Typ. d'A Imprensa, 1920. 93 p.].

A POLÍTICA

I

Você pergunta, Yayá,
Por que deixei a política?
Você quer saber de tudo,
Você é muito analítica.

Pois bem, eu lhe digo:
Ouça o que eu refiro,
Porque nesse jogo
Já fechei o firo...
Mas, olhe, menina,
Que dos meus arcanos
Não quero que saibam
Gregos nem Troianos...
Já ouviu, Yayá?

II

Esses arautos políticos,
Quer de uma, quer doutra grei,
Quando estão de baixo gritam:
“Viva o povo” – “Abaixo o Rei”!

Mas, o sábio Rei,
Que conhece tudo,
Faz que não entende,
Fica surdo e mudo;
E o povo que idéia
Não tem dos negócios
Vai crendo nas loas
Dos tais capadócios...
Já ouviu, Yayá?

III

Prometem ao pobre povo
Um governo angelical,
A **terra da promissão,**
Um paraíso ideal...

Porém, quando grimpam,
Cessam as cantigas
E tratam somente
De suas barrigas.
E nem mais conhecem
Aquele bom moço
Com quem já viveram
De braço ao pescoço...
Já ouviu, Yayá?

IV

Prometem casas da Índia,
Cabedais, mundos e fundos:
Mas, quando estão no poleiro:
–Viva Dom Pedro segundo!

Seja liberal
Seja puritano,
Traz o povo sempre
Num completo engano.
Gregos e Troianos
Procedem assim...
Eu vou debulhando
Tintim por tintim...
Já ouviu, yayá?

V

Enquanto esperam maré,
Oh! Que afeto! Oh! que doçura!
Mas, quando embarcam na lancha,
Quanto gás!... quanta impostura!

E toda carícia
Veste-se em orgulho,
E a massa fina
Reduz-se a gorgulho.
Eu de rapapés
Estou escarmentado,
E de farrambambas
Muito escabriado...
Já ouviu, Yayá?

VI

Nas vésperas da eleição,
Vão à casa do compadre,
Dão beijos no afilhado,
Rompem sedas à comadre...

E o pobre diabo
Entra na rascada,
Tomando sopapos,
Servindo de escada.

Eles vão p'ra Corte

E o compadre fica
Bebendo jucá,
Ou dose de arnica...
Já ouviu, Yayá?

VII

Propalam grandes idéias,
Proclamam belos princípios,
Arrotam patriotismo,
Por todos os municípios.

Tudo isto é **pirraça**,
Isto tudo é **peta**,
É toda a questão
L'argent na gaveta:
Ou, então, galgar-se
O mando, a grandeza,
Para, lá de cima,
Calcar-se à pobreza...
Já ouviu, Yayá?

VIII

Morra Pedro e viva Paulo,
Com muita festa p'ra festa,
Com pouco mais: – Viva Pedro,
Morra Paulo que não presta.

Quanta incoerência
E contradição!...
Oh! Que mastigado
Que especulação!...
Quem isto negar
Terá boa fé?!...
Nega de finório,
Ou de **pai-mané**...
Já ouviu, Yayá?

IX

Hoje, Sancho é muito bom...
Amanhã, Sancho é ruim...
Já fica sendo um demônio
Quem foi ontem Serafim.

Eu não os entendo,
Eu não os percebo,
E, nesta **enredada**,
Se os percebo, cebo!...
Por isto, safei-me,
Sem bulha e arenga,
E livre-me Deus
Da tal estrovenga...
Já ouviu, Yayá?

1884

EU NÃO SEI PINTAR AMOR

Amor é brando, é zangado
É faceiro e vive nu,
Tem vistas de cururu,
E vive sempre vendado:
É sincero, é refolhado,
Causa prazer, causa dor,
Tem carinhos, tem rigor,
Amor... pinte-o quem quiser,
Retrate o amor quem souber,
Eu não sei pintar amor.

Amor é terno, é cruel,
É rico, é pobre, é mendigo,
É dita, é peste, é castigo,
É mel puro, é agro fel;
Tem cadeias, traz laurel,
É constante, é vil traidor,
É escravo, é grão Senhor,
Amor... pinte-o quem quiser,
Retrate o amor quem souber,
Eu não sei pintar amor.

Amor é loquaz, é mudo.
É moderado, é garrido,
É covarde, é destemido,
É galhofeiro, é sisudo.
É vida, é morte de tudo,
É brioso, é sem pudor.
Traz doçura, dá travor,
Amor... pinte-o quem quiser,
Retrate o amor quem souber,
Eu não sei pintar amor.

Amor é grave, é truão,
É furacão é galerno,
É paraíso, é inferno,
É cordeirinho, é leão;
É Anjo, é Nume, é Dragão,
Tem asas, tem passador,
Dá esforços, faz tremor.
Enfim, pinte-o quem quiser,
Retrate amor quem quiser,
Eu não sei pintar amor.

1883

DELÍQUIOS

Donzela bela, Eucaris formosa,
Brisa odorosa, que afugenta a calma:
Ah! Foge, foge, dos salões dourados,
Que mil cuidados me despertas n'alma.

Donzela bela, Flor de Lis amada!
Mimosa fada, que de amor me encanta:
Se brinca o zéfiro com o teu cabelo,
Amargo zelo meu prazer quebranta.

Donzela bela, ante quem Aglaia
Cora e desmaia, vendo um teu sorriso;
Do rio à margem, oh! esconde o seio,
Pois me receio do gentil Narciso!

Donzela bela, oh! Não vejo o mundo
Esse jocoso riso encantador.
Não vás ao bosque, que no bosque habitam
Deuses que excitam de volúpia amor.

Donzela bela! Não me dês ciúmes,
Brandos queixumes, compassiva, atende,
Ouve: não queiras de Silvano a flauta,
Que a virg'incauta sedutora prende.

Donzela bela! prazenteira palma,
Vida dest'alma, que só quer amar-te;
Da trácia lira ternos sons desejo,
Em doce arpejo para consagrar-te.

Donzela bela! Vênus coruscante!
Em seu levante pela madrugada,
Sob os influxos dessa luz benina
A minha sina já se vê mudada.

Donzela bela! nenúfar mimoso,
Vergel umbroso, onde Amor descansa,
Dá-me um abrigo nos teus lindos braços,
Preso nos laços da sedosa trança.

1876

A PORANGABA[1]

Minha gentil Porangaba,
Imagem, visão querida,
Só teu amor me conforta,
Nos agros transes da vida.

Quando ouço a juriti
Soltar saudosa um gemido,
Saudoso, pensando em ti,
Respondo com um ai! dorido...

Se, na campina deserta,
Terno sabiá gorjeia,
Deste amor, que me inspiraste,
Voraz a chama se ateia.

Quer procure o povoado,
Quer divague na espessura,
Mostra-me a mente abrasada
Tua elegante figura.

Estando de ti ausente,
Da saudade eu sinto a dor;
Serão teus os meus suspiros,
Minha afeição, meu amor.

Da vida o doce prazer
Em mim fenece e acaba;
Só este amor não falece,
Minha gentil Porangaba!

Nota de Câmara Cascudo: "(há inúmeras transcrições destes versos. Algumas ressentem-se de erros terríveis. Copiei os versos acima da "Imprensa Periódica", do Dr. Luiz Fernandes, onde o Prof. Joaquim Lourival os havia revisto. – L. da C.C.)"

[1] Foi publicada uma versão deste poema em *Oásis*: revista mensal "Le Monde Marche" (Natal, Ano V, n. 79, p. 2, 1º jun. 1898).

SABIÁ
(LUNDU)

Eu fui pegar passarinho,
Na matinha de Yayá?
Engendrei o meu lacinho
E peguei um sabiá.

Sabiá, eu bem sabia,
Sabia que tu caías.
Sabiá, fica sabendo
Que tu cais todos os dias.

Sabiá ressabiado
Na matinha arrepiou-se,
Eu toquei chama de baixo
Sabiá veio, entregou-se.

Sabiá, eu bem sabia, etc.

Saiba todo sabiá
De mata, gangorra ou praia
Que não armo a gangolina
Em que sabiá não caia...

Sabiá, eu bem sabia, etc.

E Yayá já sabe hoje
Que eu sei pegar passarinho,
E que sabiá sabido
Não me come o melãozinho.

Sabiá, eu bem sabia, etc.

Junho de 1875.

PIRRAÇAS DE AMOR

Ante os citérios altares,
Respeitoso apresentei-me,
E das **pirraças** de Amor
A Vênus assim queixei-me:
– "Ó deusa da formosura,
Se fazes justiça pura,
Castiga Cupido ingrato
Que, com juras e promessas,
Pregando: mocas e peças,
Fez de mim **gato sapato**".

Respondeu-me Vênus,
De bom parecer:
"Quem se dispõe a amar,
Dispõe-se a sofrer;
Gracinha de amor
Amor quer dizer..."

– "Ouve, atende, ó linda deusa:
Asseverou-me Cupido
Que da formosa Tircea
Eu era amado e querido;
E, quando eu já muito crente,
Saltitando de contente,
Ia explicar-me com ela,
Rompe ele a pateada,
Solta a bela uma risada,
E zás... me bate a janela!"

Respondeu-me Vênus,
Com riso maligno:
–"É muito garoto
Aquele menino!
Mas não se despeite
Com o pequenino".

Assegurou-me que Eulina,
Em delíquios amorosos,
Delirava por me ver
Entre os seus braços formosos:
Para a escada de um sobrado,
Onde habita o bem-amado
Funesta paixão me arrasta;
Ele, porém, de antemão,
Nos degraus unta sabão:
Virei de **bumba canastra**.

Respondeu-me Vênus,
Com ar zombeteiro:
"Aquele meu filho
É muito brejeiro!
Sempre foi assim
Vivo e galhofeiro".

Fez-me crer também que eu era
Os sonhos de um serafim,
Pois que Jonia encantadora
Morria de amor por mim!
Não sei como tal notícia
Não me matou de delícia!
Mas era uma nova entrega...
Pois Jonia com o filho teu
Encapelou-me o chapéu
E fez de mim **cabra-cega**.

Respondeu-me Vênus,
Meneando a trança:
– "É muito traquinas
Aquela criança.
Só com paciência
Afetos se alcança."

Jurou-me, enfim, por teus mimos
E pelas águas do Estige,
Que por mim terna paixão
De Clorinda o peito aflige;
Fui bem ancho ter com a bela,
Mas, teu filho unido a ela
Apresta p'ra caçoada
Uma chusma de vadios,
Que entre gritos e assobios,
Fez-me **chispar na palmada**.

Vênus, a bom rir,
Com as faces vermelhas,
Me disse franzindo
Lindas sobrancelhas:
"Quando ele chegar
Puxo-lhe as orelhas".

De Vulcano a esposa pérfida
Inda a frase não findava,
Quando o filho adulterino
Neste comenos entrava.
A mãe, com ledo festejo
Para dar-lhe um terno beijo,
Da ara desce um degrau...
E ele dizendo **xetas**,
Saudou-me com três caretas,
E por fim deu-me um **gagau**...

Sempre os filhos seguem
De seus pais o trilho...
Se Vênus é pérfida,
É pérfido o filho.
E o jogo de Amor
É só de codilho!...

1874

UMA VISÃO

De minha casa já o fogão servia
De **frio leito** ao envelhecido gato,
Que, em altas conferências com um rato,
Seus tratados de paz ali fazia.

Uma vez, em que a noite bem corria,
Em horas de se abrir secção no mato,
Evocando-se o demo mais gaiato,
Horrendo trasgo sob a trempe eu via.

Convulso grito, titubeante brado:
"Larva maldita, que tens tu comigo?"
Ouve-me e diz: "De ordem do teu fado,

Venho dizer-te que teus passos sigo,
Caipora... eis meu nome, desgraçado!
Amo-te muito, viverei contigo..."

SONETO

Escrito em homenagem ao Dr. José Nicolau Tolentino de Carvalho, Presidente da Província de 18-4-77 a 6-3-78.

Do valente Poti a pátria amada,
A Tolentino ilustre agradecida,
Aos céus implora lhe eternize a vida,
Renome excelso, glória sublimada.

Pelos desvelos seus sempre amparada,
A crise resistiu mais desabrida,
Pelas suas virtudes socorrida,
Na dor não sucumbiu desesperada.

Hoje, em ternos adeuses tão saudosos,
Falar dele bondosa me consente
Entre filhos que tem mais prestimosos.

Conduzam o Varão nobre e clemente
Galernos ventos, mares bonançosos,
Pois quer o fado que de nós se ausente.

SONETO

Sob o mote: Hei de mártir de amor, morrer te amando.

Inda cabe rigor nesse teu peito?!
Anália, de afligir-me inda não cansas?!
Cruel, não sentes, ímpia, não alcanças
De tua ingratidão o triste efeito?!

Teu duro coração já satisfeito
Acaso não estará dessas provanças,
Que me dão caprichosas esquivanças,
Com que pisas de amor doce preceito?!

Entre surdos arquejos de agonia,
Vou a Vida de angústias acabando,
Que um ai! um só sorriso salvaria.

Mas, embora ferina vás matando
Meu firme coração com tirania,
"Hei de mártir de amor, morrer te amando..."

1861

Nota de Câmara Cascudo: "O Dr. Luis Fernando no seu "Imprensa Periódica" dá o nome de ***Marília*** *em vez de Anália. Pág. 19. ob. cit. Copio, assim, pois possuo um velho caderno de versos do poeta, que me foi oferecido pelo filho Prof. Joaquim Lourival."*

SONETO

Ao generalíssimo Deodoro

Virgílio, Homero, assombros de harmonia!...
Vossos plectros mimosos, soberanos,
Que harpejaram Helenos e Troianos,
Quem dera me cedêsseis neste dia!

Era p'ra ti, Deodoro, que eu queria
Arroubos divinais, sons mais que humanos,
Pois que és o terror de ímpios tiranos
E do Brasil a glória ufania.

Relampejou teu gládio sem revés,
Trovejou teu valor, Cid altaneiro,
E o despotismo audaz caiu-te aos pés!

Da América as nações, bravo guerreiro,
Palmas te dão, afirmam que tu és
Alto brasão do povo brasileiro.

ACRÓSTICO

Ao invicto Marechal Floriano Peixoto

Fado risonho, resplendente glória,
Leio e diviso bem na tua estrela,
Onde imortal, aurífera capela,
Renome te prepara em linda história.
Inda que a inveja, das paixões escória,
Ante teu vulto egrégio se arrepela,
Não poderá, jamais, a trama dela
Obter contra ti real vitória.

Por norte e guia de uma vida pura,
Em graus subido, tens honestidade,
Inteireza, critério e heroicidade,
Xarifes que contêm fama segura,
Onde brilham Calisto e Cinosura,
Tua fama, também, com majestade,
Ovante tomará sublime altura.

SONETO ACRÓSTICO

Por ocasião da notícia do falecimento de seu filho, Carlos Lourival, cadete do 10.º Regimento de Cavalaria em São Paulo.

Canoras aves que Jeová criou,
Auras da tarde, brisas matutinas,
Rios, regatos, fontes cristalinas,
Lindas florinhas que Milésio amou;

Olentes prados que a natura ornou.
Sombra dos bosques, eco das colinas,
Louras ninfas de faces purpurinas:
O lindo jovem por aqui passou?

Undosos mares astros, gênio ou fada,
Rábicas feras que rugis aí,
Ímpios sicários que infestais a estrada,

Vistes Adônis? Passaria aqui?
Ah!... Não passou... À célica morada
Lá foi, com Jeová viver ali.

SONETO

À D. Maria Emília de Melo Azevedo (Sinhazinha) no dia dos seus anos.

Se é belo na manhã fresca e serena
Ver a rosa ostentar realeza,
E altivando o primor d'alta beleza
Sobre o galho embalar-se tão amena.

Se é belo ver a cândida açucena
Vergonhosa brincar com a doce aragem,
E tomando de Flora a linda imagem,
Da donzela imitar a mão pequena.

Se é belo, no pomar delicioso,
Ver com brandos queixumes a rolinha
Extremosa a chamar o terno esposo.

Mais belo é ver-te leda e tão azinha,
Em teu aniversário venturoso,
Conquistar mil aplausos, Sinhazinha.

27 – 1 – 1876.

Nota de Câmara Cascudo: "Segundo o Prof. Joaquim Lourival, este soneto é uma paródia de M. M. B. du Bocage."

EULINA

Ave noturna, agoureira,
Não me apavora o teu canto,
Mais desastres não receia
Quem de amor desfaz-se em pranto.

Se a natureza fadou-te
Para males empregares,
Não assustam teus pregões
A quem sofre agros pesares.

Ervada seta de amor
Meu triste peito feriu.
Ao acúleo da saudade
Minh'alma já sucumbiu.

Ave tristonha e sinistra:
Carpe tua negra sina
Chora, que eu choro também,
A longa ausência de Eulina.

MARÍLIA

Meu amor, meu bem, Marília,
Marília escuta os meus ais.
Se percebes que eu te amo,
Por que me atormentas mais?

Já te dei em holocausto
Alma, vida e coração,
Tu me dás em recompensa
Negra, feia ingratidão.

Se sou culpado em amar-te,
Crimina tua beleza;
Não a mim, que inocente
Sigo a lei da natureza.

Nota de Câmara Cascudo: "Estes versos são habitualmente deturpadíssimos pelos pseudocoordenadores de modinhas. Posso garantir que Lourival só escreveu os três que escrevi acima. Se outros aparecerem são apócrifos: garantia o filho do poeta, Prof. Panqueca.

SONETO

Ao ilustríssimo jovem natalense Joaquim Fagundes.

De prendas preciosas adornado,
Tens, amigo Fagundes caro e fido,
Singelo peito de valor subido
De independência excelsa bafejado.

De caráter sublime, aprimorado,
De invejável talento enriquecido,
Tu brilhas, na virtude enobrecido,
Como brilha em candura a flor do prado.

Sacra filha dos céus – doce amizade,
Tais encantos te oferece e glória tanta
Que de ti fez seu templo esta deidade.

A fronte juvenil, eia, levanta!
Nobre orgulho tu és da mocidade
E de um amigo que te preza e canta.

Nota de Câmara Cascudo: "Publicado no n.º 7 de ***Echo Miguelinho****, de 12 de novembro de 1874. Tinha sido escrito a 18 de agosto do mesmo ano."*

ACRÓSTICO

Oferecido à poetisa Anna Lima.

Alta poesia e graças a esparzir,
Não, não queiras, aqui, Aglaia linda,
Nem Musa alguma pode residir
Onde a inveja é potência infinda.

Lá está, não a vês, Calíope a carpir?
Inda a hora maldiz da sua vinda,
Mimosa filha da Virtude santa,
Atende o vate que te preza e canta.

Nota de Câmara Cascudo:
"São os últimos versos do poeta.
Estes versos me foram participados por Deolindo Lima, irmão da poetisa e íntimo do velho Poeta que lh'os ditou."

UMA PRECE

À virgem Mãe do Senhor, por tenção do imortal
poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage.

Ave, ave imortal, serena Diva,
Rosa de Jericó por Deus disposta,
Dos mortais, de que és mãe, seu pranto enxuga,
Seus males abonance um teu sorriso.

BOCAGE, ***Encarnação do verbo***.

Mulher Divina, se eu cantar pudesse
Teu nome excelso, que o inferno abala,
Nunca deixara minha pobre lira
Um só momento de exalçar alegre
Santas virtudes, maravilhas tantas,
Que em contemplá-las a natura pasma!

Aquele vate, desditoso, altivo,
Que achou nos vícios lenitivo triste
Ao triste fado que o seguia austero,
Aquele vate sonoroso, exímio,
(Estro assombroso...) que viveu perdido
Na nobre pátria dos Camões, dos Nunes,
As glórias tuas decantou tão alto,
Em lindos carmes de doçura angélica,
Que inda ressoam pelo orbe inteiro
Estranhas notas que depois ninguém
Jamais em versos pôde ouvir na terra!

E eu, oh! Virgem, se vier agora,
Pobre trovista de confuso estro,
Sem patrocínio, sem favor nas musas,
Sem luz, sem tino, gaguejar nas trevas,
De ousada inépcia, de imperícia estulta,
Sobre prodígios que o discurso estancam,
Terei por pena o merecido riso,
De zoilo cínico, que o poeta morde.
Qual, entre as fendas de escarpada rocha,
Ave agoureira, pavorosa e triste,
Soltando guinchos, praguejando a luz,
E já cansada de imprecar desastres,
No grito pávido que ao vivente assusta,
Ensaia vôo desigual, incerto,
E vai piando pela encosta abaixo:
Assim também estropeando o plectro,
Querendo a transe titubear louvores,
No louco empenho de cantar-te as glórias,
Tétricas notas sacarei da lira,
Grosseira, humilde, carunchosa e rude,

Em rude canto, que agradar não pode.
Por tanto, oh! Virgem, ante quem submissos
O céu, a terra, de prazer exultam,
Não venho agora consagrar-te cantos;
Meus pobres versos, sem concerto e graça,
Falar não podem de inefáveis dotes,
De altos prodígios com que Deus sem custo,
Para chamar-te Mãe, Esposa e Filha,
Suspende, altera da natura as leis.
Venho curvado a esse planta augusta,
Que humilha e quebra de Lusbel as fúrias,
Pedir-te graças, dirigir-te súplica.
Glória das Virgens, soberana Diva,
Preclara Idola, singular espelho,
Em que se miram divinais virtudes,
Por Deus, me escuta, minha prece atende.

Se lá na pátria de eternais delícias,
Na celeste mansão onde descansam
O sábio, o justo, o que sofreu na terra
A sede de justiça, confiando
Do Cristo na promessa fidedigna,
Habita, por mercê dum Deus clemente
O ínclito cantor das glórias tuas,
Bocage insigne, (o primoroso Elamano...)
Aquele em cuja musa refervia
Crepitante vulcão de força ingente
Aquele que, exaltando as tuas glórias
Em profusas torrentes de harmonias,
Cadência, etilo, melodia e arte
Tudo, tudo esgotou, exauriu tudo;
Requinta-lhe o prazer, dobra-lhe os gozos,
Que porventura frui junto ao teu Filho:
E cada nota, que da lira angélica
Aqui na terra te sagrou pujante,
De luz um raio fulgurante seja
Que a fronte resplendente lhe circunde.
Porém, se acaso punição eterna
Sofre em abisso de tortura horrenda,
Pelo flagício que, talvez, na febre
Da atra volúpia, de paixões nefandas,
Louco ostentasse, delirante e cego,
O nobre vate que exalçou teu nome;
Ai... interpondo teus preclaros méritos,
Roga, suplica de Jesus piedoso
Que tire e salve do profundo lago
O doce e terno moribundo cisne;
Oh! não consintas, piedosa Virgem,
Que um só momento permaneça ainda
Na lôbrega morada dos horrores
Quem a ti consagrou, cantou tão belos;
Mística rosa de fragrância pura,
Cândido lírio de vernal beleza,
Limpa su'alma do negror da culpa,
Nesse bafejo virginal e santo

Com que sublimas do Empíreo os gozos.
Acode o vate, Preexcelsa Virgem,
Gentil Devanaguy mais pura e santa,
Aurora rúbida que nos trouxe a luz,
Salva o poeta, teu cantor adita,
Depura-o com a gota preciosa
Do sangue imaculado e sacrossanto
Que por ele Jesus verteu na Cruz.

Nota de Câmara Cascudo:
*Publicado no número 8 d'***A Tribuna*** do dia 22 de setembro de 1897.*

CANTO DO POTIGUARA

(TORÉ)

Curupira se afugenta,
Manitó esquece a **taba**,
Mas minh'alma não esquece
O amor de Porangaba.

Cai a murta, o camboim,
O murici, a mangaba,
Mas não cai dos meus sentidos
O amor de Porangaba.

Cambaleia o pau-d'arqueiro,
Que ao rijo tufão desaba:
Mas não se abate em meu peito
O amor de Porangaba.

Vai-se o torcaz que gemia
Ao pé da jabuticaba,
Mas não deixam os meus anelos
O amor de Porangaba.

Foge a abelha que zumbia
Sobre a flor da guarabira,
Mas não foge aos meus afetos
O amor de Porangaba.

Despe a flor o ingazeiro,
A oiticica, a quixaba:
Mas não me escapa da mente
O amor de Porangaba.

Da CUNHÃ remorde a face
Reimoso **capiucaba**;
Mas não remorde o ciúme
O amor de Porangaba.

De Moema o terno amor,
Não, não rende o imbuaba,
Mas a mim rende e cativa
O amor de Porangaba.

Da extremosa Margarida
O amor já não se gaba;
Mas eu decanto, ARÃHY,
O amor de Porangaba.

O **pajé** canta bravura
Do alto **Morubixaba**,
Mas eu só canto em toré
O amor de Porangaba.

Anhangá cede a **Tupã**
No poder que não se acaba,
Mas não cede a outro amor
O amor de Porangaba.

1874

*Nota de Câmara Cascudo: "Transcrito em diferentes jornais. Copiei este do número 7 do **Echo Miguelino**, de 12 de novembro de 1874".*

EXPLICAÇÃO DO **Canto do Potiguara**

Potiguara: “Comedor de camarão”, nome da tribo que habitava o Rio Grande do Norte.
Toré: Melopéia indígena. Canto tristonho, prolongando os últimos versos.
Curupira: Gênio do mal.
Manitó: Gênio protetor da[*]
Taba: Casa grande ou ajuntamento das habitações indígenas.
Camboim: Fruto silvestre do Brasil.
Muricy: Ou murici, gênero de plantas malpighiáceas do Brasil.
Pau-d’arqueiro: Nome popular do pau-d’arco.
Torcaz: ou ainda **concliz**, ou currupião, nome de ave do Brasil, famosa pelo canto e pelas cores.
Jabuticaba: Fruto da jabuticabeira, mirtácea do Brasil, que compreende várias espécies.
Guabiraba: fruto da guabirabeira; gênero de borragináceas do Brasil.
Quixaba: Fruto silvestre do Brasil.
Cunhã: Donzela.
Capiucaba: Maribondo.
Moema: Personagem histórica dos primeiros tempos de colonização do Brasil.
Imbuaba: Nome dado pelos indígenas aos Europeus; do guarani – **neboab** “pernas vestidas”.
Arãhy: Interjeição ou explosão de voz (em tupi) traduzindo a saudade.
Pajé: Feiticeiro e cantor dos feitos guerreiros da tribo.
Morubixaba: Chefe dos índios. Maioral.
Anhangá: O diabo dos índios.
Tupã: Deus.

[*] Frase incompleta.

POESIA

A um sítio aprazível em que passei um dia, em companhia de alguns amigos.

Que sol donoso,
Que ar embalsamado!
Aqui não é madrasta a natureza,
É mãe, tudo respira almo deleite.
ALVES BRANCO (*Vida Campestre*)

Salve, grata solidão,
Salve, sítio deleitoso,
Morada de mil encantos,
Retiro delicioso.

Todo o teu gentil aspecto
Salpicado é de um sorriso,
Contemplando-o qualquer néscio
É poeta de improviso.

Raro efeito em mim produzem
Tuas flores recendentes,
Que antigas paixões geladas...
Sinto n'alma, agora, ardentes.

Parece que a dengue rosa,
Com garbo ledo e vaidoso,
Entre delíquios namora
Nítido cravo formoso.

Com tua flórida relva
Brinca zéfiro fagueiro,
Que anima, alegra e realça
A margem do teu ribeiro.

O xexéu, lindo lacaio
Dos voláteis companheiros,
Solta engraçados gagaus
Sobre teus belos jambeiros.

No majestoso coqueiro
O cupiro altissonante,
Com variados concertos,
Beija, afaga a doce amante.

O aurinegro concliz,
Sobre mangueira copada,
Maviosos sons desprende
Da garganta atenorada.

Em simétricas fileiras
De laranjeiras frondosas,
O canário, em sustenidos,
Tira notas sonorosas.

Por bemol o caboclinho,
Saltitando aqui e ali,
Modula, mas não se esquece
Do maduro sapoti.

O canoro pintassilgo,
A patativa queixosa,
Com seus apojos encantam,
Na orquestra harmoniosa.

O mimoso curió,
No castanheiro vistoso,
Com seus mágicos prelúdios
Se apresenta primoroso.

Também o dourado "encontro"
Lá está, de quando em quando,
Em branda terça menor
Sua lira temperando.

Ouvertures e duetos,
Boas chulas e lundus,
Aprecio, transportado,
De anilados sanhaçus.

Outro músico dos bosques,
Sobre ramos verdejantes,
Descantam agras saudades
Dos seus peitos palpitantes.

O saudoso sabiá
De maestro aqui figura,
Um solo sobre a palmeira
Executa com ternura.

Na sombra refrigerante
Do poético pomar,
Passeia e geme a rolinha,
Chamando o seu doce par.

Oh! Sítio ameno e risonho:
Tuas cristalinas águas
Um peito aflito banhando,
Lhe afugenta as tristes mágoas.

Tu me inspiras e ofereces
Sumo prazer, gosto tanto...,
Que te darei eu também?
Dou-te o meu insulso canto.

*Nota de Câmara Cascudo: "Copiado do número 10 d'**A Tribuna**, de 4 de outubro de 1894. Foi publicado no **Recreio**, em 1861."*

Ao conselheiro João Alfredo

Não consintas Alfredo, exímio e justo,
Que ímpios apóstolos de uma seita indina,
Postergando do Cristo a sã doutrina
Menosprezem as leis e o sólio augusto.

Tu podes, de uma vez, banir sem custo
Essa horda rebelde e viperina,
Que nossa cara pátria contamina
Derramando a discórdia, o pranto e o susto.

Tens méritos preclaros, és brasileiro
Imita com teus feitos gloriosos
Alto Ministro de José Primeiro,

No sacro **panthéon** de heróis famosos
Teu nome brilhará sempre altaneiro,
Por entre doces carmes sonorosos.

1874

GLOSA

Mote

De arroz, açúcar, formiga
Fiz a minha sobremesa.

Dado ao poeta pelo senhor José Domingues, por ter encontrado formigas no prato em que se servia.

Tomara achar quem me diga,
Sem à verdade faltar,
Se alguém já teve um jantar,
De arroz, açúcar, formiga.
Somente a minha barriga,
Sem náuseas, sem estranheza,
Acomoda com certeza
Grilos, pulgas, mariposas.
E destas **cousas e loisas** (*)
Fiz a minha sobremesa.

Notas de Câmara Cascudo:
(*) cousas e loisas era o ditado da época; queria dizer "e outras cousas iguais";
"Esta glosa me foi ditada, no dia 28 de maio de 1920, pelo Prof. Joaquim Lourival".

DEUS

Desperta-te, alaúde e harpa, que
despertarei na alva do dia
Louvar-te-ei entre os povos, Jeová:
salmodiar-te-ei entre as nações.

Cânticos de David.
107. vv. 3 e 4

Oh! Deus Imenso, Poderoso e Forte,
Deus infinito de inaudito amor,
Abre teus cofres de tesouros tantos
Que a tantos vates teu amor concede.
Dá-me de Eschylo, de Virgílio dá-me
Aquele gênio (divinal portento!...)
Que não quiseram consagrar a Ti,
De heróis e prados se ocupando sempre,
Nem um só canto para Ti guardaram!...

As maravilhas, que são obras Tuas,
Sim, contemplaram de harmonia ébrios
Entre os enlevos de sonoros cantos;
Mas, esqueceram na vaidade louca
Que esses prodígios de beleza tanta
Eram migalhas que te caem das mãos!...
Calaram cantos que soar deviam,
Oh! sim, calaram, quem negar se atreve?
E as lindas notas de melhor arpejo,
Que a lira ebúrnea soluçar queria,
Retemperada no prelúdio brando,
Ah! Não sacaram por que eram Tuas.

Oh! Deus supremo, criador de tudo,
Trino em pessoas, quem a Ti se iguala?
Abre estes cofres de tesouros tantos,
Que abriste a Homero, a Propércio e a Dante.
Dá-me uma lira, que sagrada a Ti,
Que a Ti só diga quanto em mim eu sinto,
Pois este mundo de ilusões, de enganos,
Zomba, escarnece do singelo crente.
Dá-me um arpejo que, de Ti só digno,
Só tu entendas o que nele explico,
Dá-me harmonias divinais, estranhas,
Que aos maus confundam, que aos fiéis encantem.

– Eu Sou Quem Sou – Assim disseste ao ínclito
Moisés egrégio, destemido e crente,
Que humilde e grato te escutou prostrado,
Quando fazias o Sinai tremer!
E trovejando do Tabor nas grimpas,
Quando do Cristo testemunho davas,
Terrível, assombroso ali falaste,
Com estranho brilho e majestade tanta,
Que o sol ardente receando olhar-te,
Seus raios fúlgidos escondeu medroso!
Quando no Gólgota, em suplício hórrido,
Teu Filho Amado nosso bem firmava,
O universo de terror convulso
Submisso pede que o enojo aplaques.
No céu, na terra, no universo inteiro,
Frase condigna não se achou, não há,
Que possa ao certo definir Quem És!

Ímpios descridos, de saber estulto,
Vós, qual a serpe que deudeja cega,
Entre silvados, sibilando à toa
Vivente bíceps, oh! não vê bem perto
Medonha flama, crepitante, horrível,
Lavrar no solo que o cultor prepara,
E vai raspar-se no voraz incêndio;
Seguiu a trilha da mortal ciência,
Sem luz, sem norte, vesgueando a tudo,
Ou antes, tudo tateando cegos,
Por entre os dédalos do sofisma louco,
Até lançar-vos no fatal abisso.
Mas, quem na terra haverá que possa
Cantar Aquele que dizendo – “Fiat”!...
Tudo viu feito, viu com vida tudo?!...
Inda assim, quero, te suplico, imploro:

Deus Piedoso, Presciente e Justo,
Favor e graça p’ra sagrar-te um hino.
Dá-me harmonias divinais, estranhas.
Que aos maus confundam, que aos fiéis encantem.
Glórias, Hosanas, que nos céus te encantam,
Inda não bastam, meu Senhor Eterno,
Preciso faz-se que na terra os homens
Te sagrem cantos, melodias brandas,
Abemolados em adágio terno.

Nota de Câmara Cascudo: “Copiado do nº. 11, de 9/11/1897. Traz no fim a nota: ‘É a segunda publicação a pedido’”.

O PINTASSILGO

(LUNDU)

Linda, inocente avezinha,
Pintassilgo, não gorjeies.
Da saudade o voraz fogo
Mais e mais, oh!... não ateies.

Estribilho

Habitador
Da selva escura
Minha ternura
Não te comove?!
Nem mesmo Jové
Meus ais escuta,
Pois, nesta gruta
Choro meu males...
Peço te cales,
Que esse teu canto
Me aflige tanto...
Ó! Pintassilgo!

Se tu amas, insensível
Aos reveses do destino,
Eu amo e sinto os efeitos
Do seu impulso ferino.

Est.

Habitador, etc.

Vai alegre procurando
Os encantos do teu ninho,
Que eu fico triste a sofrer
Da saudade o duro espinho.

Est.

Habitador! Etc.

1854

FLOR ENTRE ESPINHOS

Em terra escabrosa
De brenhas escuras,
Por entre fraguras
Nasceu linda flor.

Ao vê-la, senti
No meu triste peito
O mágico efeito
Que produz amor.

Enquanto minha'alma
Se ardia penosa
Na chama inditosa
De louca paixão.

A flor inocente
Parecer dizia
Que unir-se queria
Ao meu coração.

Tentei arrancá-la
De sítio tão feio
E pôr em meu seio
A flor, que é meu bem.

Mas, ah! O cardume
De espinhas agudas
E urzes peludas
Meus passos contém.

E a flor que me encanta,
Vivendo entre espinhos,
Ficou sem carinhos,
Ficou sem amor.

E eu soluçando
Chorosas endechas,
Do fado mil queixas
Maldigo o rigor.

Aldeia Velha.

A UMA MANGUEIRA

Copada mangueira,
Vistosa e faceira,
Que do rio à beira
Se vê florear.

Me lembras o dia
De amor e folia,
Em que terna ouvia
Marília cantar.

Que belos folgares,
Que lindos esgares,
Que ternos olhares
Eu vi junto a ti.

Que gratas ledices,
Que mil garotices,
Que amor, que meiguices
Então eu fruí.

Na tua ramagem
Por entre a folhagem
Vinha a doce aragem,
Branda, respirar.

Também no enredo
Do mago brinquedo,
Marília em segredo...
Ouvi suspirar.

Sentada na areia,
Cantava a sereia,
Mostrando-se cheia
De gosto e prazer.

Porém, no entanto,
Visei com espanto,
As gotas de um pranto
Marília esconder.

Mistério de amores
Que envolvem pudores
De riso e de dores
Cantar eu não sei.

Só sei que a doçura
D'afeição mais pura
Da sombra à frescura
Ditoso libei.

Amores, afetos,
Carinhos seletos,
Afagos diletos
Me viste gozar.

Mas, disto somente
Conservo na mente
Lembrança pungente,
Que fere a matar.

Frondosa mangueira
Altiva e faceira
Que dita ligeira
Me vens recordar!...

Não lembres o dia
De tanta alegria
Em que me sentia
Num anjo a cantar.

1875

QUEM DERA...

Auras perfumosas
Festejai as rosas
De cor purpurina,
Que a bela Aurecina
Já olha p'ra mim.

Estribilho

Quem dera!... Oh! Meu Deus
Vê-la sempre assim.
(repete no fim dos versos)

Mimosa açucena,
Orna-te com a amena,
Gota matutina,
Que a bela Aurecina
Já olha p'ra mim.

Gentil beija-flor,
Sorve com fervor
A essência mais fina
Que a bela Aurecina
Já olha p'ra mim.

Regato, serpeia
No prado, campeia,
Abre-te, ó bonina!
Que a bela Aurecina
Já olha p'ra mim.

1874

QUI POTEST CAPERE CAPEAT

Por que razão,
Lindo pavão
Ouço grasnar
E resmungar?
Gralha praguenta
E virulenta
Contumélias crocitando
E a sua cor deslembrando?

Vem cá, fagueiro,
Fiel rafeiro,
Por que o raposo,
Tão caviloso,
Lá está uivando,
E regougando,
Todo ardil, todo maldade,
Contra a tua lealdade?

Torcaz ligeiro,
Lindo e faceiro,
Por que o nefário
E sanguinário
Açor cruento,
Tão violento,
Entre as garras furiosas
Te rasga as penas mimosas?

Alma remida
De Deus querida,
Por que Lusbel
Anjo infiel,
Tão carrancudo,
Ingrato a tudo,
Quer dar graças por insídias,
Expelir-te com perfídias?

Doutor Segundo,
Vate profundo,
Diga a razão
Dessa paixão,
Desse rancor,
Desse furor
De verdugos insolentes
Contra tantos inocentes?

19 – 2 – 1906

GLOSA

Mote

Escorei Nossa Senhora
Com um bacamarte na mão.

Glosa

Contra a Virgem, que se adora,
Renhida questão se trava,
Mas, eu tomando a palavra,
Escorei Nossa Senhora.
Os ímpios saem, vão embora
Receando a conclusão,
Porque eu lhe disse então
Que afinal sustentaria
A pureza de Maria,
Com um bacamarte na mão.

Nota de Câmara Cascudo: "Ditado pelo Prof. Joaquim Lourival."

AH!... CRÊ MARÍLIA

Marília bela,
Meu doce encanto,
Não sabes quanto,
Por teu respeito,
Eu terno sinto
Dentro do peito.

Assim prenda querida, idolatrada,
Vou levando esta vida amargurada,

Na fantasia
Sempre te vejo,
Te adoro e beijo,
Mas, sofro logo
Triste desgosto.

Porque vejo e conhecer ser delírio
Da paixão que me dá duro martírio.

Se falo ou canto,
Se durmo ou velo,
É meu desvelo
Ter-te na mente,
Ah! Crê, Marília,
Em quem não mente.

E se queres de Amor os votos meus,
Vou, curvado aos teus pés, jurar por Deus.

Ouve, ó meu anjo,
Tu me encantaste,
Tu me mataste,
Como?! Não sei...
Só dizer posso
Que vi-te, amei.

Com amor mais ardente e fido
Que o puro amor de Tasso estremecido.

ORA... ISTO NÃO É O CÃO?

(LUNDU)

Marília, de ti se queixam
Meu amor, minha paixão,
Por que te falo e me dizes:
"Ora, isto não é o cão"?...

A um anjo como tu,
O Demo não tenta, não,
Por isto nunca me digas
"Ora, isto não é o cão"?...

Eu sei que essa frase oculta
Grata, amorosa intenção...
Mas me vexas, quando dizes:
"Ora, isto não é o cão"?...

Se és alma de minha vida,
Eu sou do teu coração...
Assim não me digas mais:
"Ora, isto não é o cão"?...

Porém, Marília, isto é graça,
Não me ofende esta expressão,
Tu me amas, quando dizes:
"Ora, isto não é o cão"?...

Grava-se todo em meu peito
De Amor o duro farpão
Quando dizes amorosa:
"Ora, isto não é o cão"?...

Ah! Dize, dize Marília,
Compreendo, tens razão,
Dize, meiga e carinhosa,
"Ora, isto não é o cão"?...

1.º de outubro de 1875

GLOSA

Mote

Evangelistas na missa...

Já vi o mar em sossego,
O ódio tornar-se amor,
Borboleta em beija-flor,
Rato virar-se em morcego.
Vi querer ser Papa um leigo,
Vi trabalhar a preguiça,
Vi se calar a justiça,
Mas, ainda não tinha visto,
Perante a imagem de Cristo,
Evangelistas na missa.

Nota de Câmara Cascudo: "Ditado pelo Prof. Joaquim Lourival."

CHARADA "PORANGABA"

Ao Dr. Henrique da Câmara

Naquele tremendo dia
De prantos, susto e alaridos
Os tristes filhos de Adão,
A que serão reduzidos?   PÓ

Coitadinhos! Querem Rei   **RÃ**
De senso, justiça e paz.
Mas, o tal Jové tonante
Lhes manda a serpe voraz.

Agora, caro leitor
Como a obra fecharei?
Mete um 1 no permeio
Que o nome terás dum Rei   **Ga-1-ba**

Conceito

Nas plagas brasiliensis,
Dos cearenses vergéis,
Mais linda que a linda Flora,
Conquistava mil lauréis.

De rosas e belvederes
Trazia a fronte coroada.
Era a miragem dos campos,
Era a estrela da alvorada.

Mas, teu filho, oh! Páfia Deusa,
Inspirou-lhe infausto amor.
Foi o infausto menino
De seus males o motor.

Acabou com vida infame.
Mas ela, infame não era,
Quem resiste a um terno amor,
Quando no peito lhe impera?

*Nota de Câmara Cascudo: "Do número 7, do **Echo Miguelino**, de 12 de novembro de 1874."*

GLOSA

Mote

A estrela d'alva é bonita,
Mas não é como o meu bem.

Quando o rebanho se agita
Pela flauta do pastor,
Quando o rocio enfeita a flor,
A estrela d'alva é bonita.
Seu nobre esplendor imita
Ao da cândida cecém,
Seu fulgor que fica além
Do brilhante e da safira,
É lindo, é bom, sem mentira,
Mas não é como o meu bem.

Lusbel, o anjo sem dita,
Que no céu fez rebeldia,
Por Lúcifer se dizia
A estrela d'alva é bonita.
Por ser lindo, ele acredita,
Não ser sujeito a ninguém
Neste planeta também,
De nome e beleza igual,
Julga-se só, sem rival,
Mas não é como o meu bem.

Nota de Câmara Cascudo:
"Lourival Açucena fez deste mote três ou quatro glosas, porém o seu filho, Prof. J. Lourival, só se recordava de duas; obriga-me a consigná-las somente."

EPITÁFIO

No túmulo do jovem Sebastião Athanásio de Oliveira, nascido a 2 de maio de 1854 e falecido a 9 de agosto de 1878.

É esta a flor, que no sorrir da vida
Caiu ao sopro do tufão da morte,
Mas, o perfume do quebrado cálice
Nos céus encontra melhor vida e sorte.

CANTATA

Em boa noite de festa
A minha opinião é esta:

Quem não se titila ouvindo
Um violão, alta noite...
Em mão que o tanja e açoite
No **menor**, que fere o peito?...
Em lindo luar de estio,
Não, não perco **marruada**,
Em vida triste, isolada
Não acho graça nem jeito,
Por isto quem quiser pode
Meu sistema reprovar,
E quem de mim se ocupar
Que lhe faça bom proveito...
O misantropo (agiota)
Que só quer guardar vintém,
Que gosto, que glória tem
Nesta vida transitória?
Se a vida é incerta e curta,
Para que tanta ganância,
Sem prazer, gosto e flamância,
Sendo dos homens escória?
Chiquinho afina a viola,
Vamos cantar, meu amigo.
Não quero choros comigo,

E nem admito história...
Na pataca do mesquinho
Tem o demo três tostões,
Tem mais dez réis os zangões,
Que festejam-lhe o cortiço...
Que resta ao pobre diabo
Que nunca em função se viu?!
Não comeu, não divertiu,
Empedrado como ouriço,
Quem quiser pode gritar,
Contestar meu parecer,
Mas, se a mostarda me arder,
Veja que encontra serviço...
Quem não puder ser pantana
P'ra bobo não meta empenho,
Que lucro, que ganho eu tenho
Em viver sempre a ermar?
Não tenho gênio de monge,
Nem também de caboré
Hei de quebrar no dó-ré...
Até Bernardo chegar.
Andreza, traze café,
Traze pão, queijo e batata,
Não dispenso a serenata,
Pois temos belo luar.
Viva a crítica mordaz

Com sua misantropia,
Que eu irei entre harmonias
De boas chulas passando...
Quem for mocho ou corujão
Viva lá sempre escondido...
Cá o homem divertido
A vida irá flauteando.
Bata o pinho, corra o vidro,
Haja bolo, haja canjica,
E gostos à tia Xica
Neste mundo vamos dando.

Uma musa decrépita e cansada,
Do caruncho da idade carcomida,
Percutindo na lira envelhecida
A nota há de sacar desafinada.
Mas, em frase, direi desalinhada
Que uma virgem conheço enobrecida,
(Formosa Hury) de dons enriquecida,
De celestes virtudes adornada.
Crê-me oh! Coelho, meu sincero amigo,
Que hipérbole, falácia não me encanta,
E nem contrato ou pacto fez comigo,
Em seu rosto transluz candura tanta
Que a toda hora, a todo instante digo
“Não parece mulher, parece **santa**”.

Nota de Câmara Cascudo: “Mote dado pelo Sr. Manoel Coelho de Souza e Oliveira.”

O DESPOTISMO E A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Do despotismo
O gênio sórdido
E o bafio mórbido
Sofre o Brasil,
No seu valente
Pulso atlético
Suporta tétrico
Duro grilhão.
Altos decretos
Da providência

Com reverência
Sabe acatar;
Porém, brioso,
Calca o flagício,
E ao céu propício
Levanta a voz.
Os meus gemidos
Do teu aurífero
Sólio estelífero
Ouve, ó Tupã.

Não mais consintas,
Lá do Empíreo,
Neste martírio
Da escravidão.
Oh! Tem piedade,
Tupã, clemência,
Independência
Ou morte já,
Do diamantino
Assento fúlgido

Rubroso e fúlvido
Fala Adonai.
Que sejas rico,
Sábio, libérrimo
Nobre, integérrimo
Eu hei por bem
E dou-te em Pedro
O herói mais bélico,
O teu angélico
Bem tutelar.

Já sente o monstro
Cruel, satânico
Um terror pânico
Regelador.
É que o arresto
De Jové ínclito
Lhe quebra o ímpeto
Fero e mortal.

Os seus sequazes
Ministros pérfidos

Procuram férvidos
A fuga vil.
Lá repercute
O eco nímio
De Pedro exímio
Imperador!
No Ipiranga
Dá grito rígido
Que torna frígido
O monstro audaz.

Rangendo os dentes,
Convulso e bárbaro,
Danando o Tártaro
Em seu covil.
Lá escancara
A boca hórrida
E a fauce tórrida
Tenta rasgar;
Lambendo as patas
O monstro sabido

Afia esquálido
Dente fatal.
Pois que inda intenta
Noutro hemisfério
Seu negro império
Reivindicar.
Atroa o antro
Nojento e lôbrego,
Bem feio e sôfrego
Urso feroz.

No desespero
Flama sulfúrea
Lhe estanca a fúria
Ei-lo no chão.
A mais ridente
Aurora rúbida
Desponta lúcida
De encantos mil
Ela anuncia
O mais licífero

E salutífero
Dia feliz.
Setembro salve...
No dia sétimo
De maior préstimo
Que não tem par.
Dia faustoso
De pompa régia

De glória egrégia
Para o Brasil.

Lá grita o povo,
Por excelência
Independência,
Viva a Nação!
Repete o eco,
Na eminência,
“Independência!
Viva o Brasil!”

1861

PURPÚREA FLOR

Purpúrea flor, linda rosa
perfumosa,
Eu te contemplo e namoro,
Eu vejo o teu colorido
refletido
À face de um bem que adoro.

É Glaura, fada bendita,
Que medita
Nas vascas de acerba dor.
É minha luz cambiante,
coruscante,
É meu anjo, é meu amor.

Seu olhar, seu passo e riso
Eu diviso,
Quando essas brisas te embalam,
Suponho escutar-lhe a medo
Um segredo
Quando os favônios te falam.

Linda flor aljofarada,
Borrifada
Pelo rocio matutino,
Tu pareces na paisagem
A miragem
Daquele arcanjo divino.

À SENHORA DA APRESENTAÇÃO

Linda filha de Deus, Mãe amável,
Salve! Salve! Ó Esposa de Deus...
Vossa glória é perfeito louvor
Só se pode cantar lá no Céu.

Sacra efígie, formosa, adorada,
Mudamente do alto anuncia
Que dos jovens fiéis natalenses,
A sagrada missão principia.

És a imagem d'aquela heroína
Que ao Dragão infernal conculcou.
Da Rainha dos Céus e da terra
Que dos homens o pranto enxugou.

Vai Imagem de nós venerada
Com a aragem fagueira brincar,
Inspirando respeito e prazer
Para a festa os fiéis convidar.

24 – 11 – 1861

*Nota de Câmara Cascudo: "Noite dos Rapazes. Publicado no **Recreio**."*

VARIEDADE

Não é charada ou enigma,
Nem tampouco metagrama.
Também não é logogrifo
O que é? Como se chama?
Para que adivinheis
É mister que decifreis.

Do Amor, saudade e ciúme
Crua guerra estou sofrendo,
Por uma gentil Deidade
Que me faz viver morrendo.

O cruel açoite
Da ímpia Megera
Mais que o seu desdém
Tormentos não gera.

Seu nome é qual doce som
De queixoso violão,
Ou da flauta à meia-noite
Do amante em solidão.

Dizê-lo não posso,
É crime, é defeito,
Soar deve só
Cá dentro em meu peito.

Não é Jonia, nem Arminda,
Não é Maria, nem Lilia,
Não é Glaura, nem Ersina,
Nem Anália, nem Marília.

Não é Filomena,
Nem também Francina,
Natália não é,
Nem mesmo Josina.

Entre Belisa e Temira
Existe tal harmonia
Que bem combinada explica
Dum tal nome a melodia.

Inda disse muito
Quanto não devia,
Ó musa indiscreta!
Tanto eu não queria.

1861

FORMOSA COMO UNS AMORES

Marília, ouve-me, escuta,
Ah! modera os teus rigores;
Eu te amo, porque és
Formosa como uns Amores.

Subindo ao Parnaso eu vi,
Ardendo Aglaia em furores
Desdenhar-te, porque és
Formosa como uns Amores.

Tália, cheia de inveja.
Disfarçando seus pudores
Não pode negar que és
Formosa como uns Amores.

De pejo, Eufrosina mostra
A face em diversas cores,
Mas confessa enfim que és
Formosa como uns Amores.

As Deidades do Parnaso
Prorrompem em mil clamores,
Despeitadas porque és
Formosa como uns Amores.

Mas, Apolo enamorado
De teus mimos e primores,
Responde-lhes: "É Marília
Formosa como uns Amores".

E eu, ó bela Marília,
Não te faço aqui favores,
Repetindo que tu és
Formosa como uns Amores.

*Nota de Câmara Cascudo: "Publicado em 1885, no **Pândego**."*

QUEIXUMES

Atende, ó bela,
Ouve, ó Corina,
Harpa que afina
Esta minh'alma,
Sustém, acalma
Tanto despeito...
Que a este peito
Sufoca e mata.

O negro Averno
Se enferneceu,
Tocando Orfeu
Na doce lira,
Mas não te inspira
Ternura e dó
Harpa que só
Respira amor?

Tudo agita,
Tudo se abala,
A rocha estala
À voz de Amphion
Porém o som
D'harpa que gemo
De dor extremo
Não te comove.

Do mar profundo
Surgem tritões
A ouvir os sons
D'harpa de Zino
Só teu indino
Peito feroz
Desta harpa a voz
Nunca se abranda.

EHEU, FAME PEREO

Escuta, ó Árbitro
Do Universo
Meu triste verso,
Eheu, fame pereo.

De Abraão, Isac
E de Israel,
Ó Deus fiel
Eheu, fame pereo.

Se deste ao povo
Lá no deserto
O maná certo
Eheu, fame pereo.

Tu que remiste
O pecador,
Ouve, ó Senhor,
Eheu, fame pereo.

Se dás ao Mártir
Força e valor,
Meu Redentor
Eheu, fame pereo.

Não desampares
Teu pobre servo,
Bem que protervo
Eheu, fame pereo.

Oh! Não ostentes
O teu poder
No meu sofrer
Eheu, fame pereo.

Mostra-o Senhor,
P'ra o Oceano
Que ruge ufano,
Eheu, fame pereo.

Mostra-o na feia
Procela undosa
Que freme irosa
Eheu, fame pereo.

Mostra-o no feio
Tufão tremendo
Que berra horrendo
Eheu, fame pereo.

Mostra-o e ostenta-o
Com o desabrido
Ímpio e descrido
Eheu, fame pereo.

Mostra-o tembém
P'ra o que não quer
Nosso irmão não ser
Eheu, fame pereo.

Mostra-o ainda
P'ra o orgulhoso
E ambicioso
Eheu, fame pereo.

Eu, servo indino,
Fraco, imperfeito
Te amo e respeito
Eheu, fame pereo.

Lá grita o filho
Do coração
"Eu quero pão"
Eheu, fame pereo.

Responde a Esposa,
No transe amaro,
"Esposo caro
Eheu, fame pereo".

Em mim preparas
Um outro Job?
De mim tem dó
Eheu, fame pereo.

Dá-me, ó Monarca,
Pai do Universo,
Fado diverso
Eheu, fame pereo.

Manda-me auxílio
Senão eu morro,
Dá-me o socorro
Eheu, fame pereo.

E tu também
Nobre Veloso,
Se és piedoso
Eheu, fame pereo.

Nota de Câmara Cascudo: "Publicado no ***Recreio****, 1861."*

A MENSAGEM

Vai sobe, ó meu Verso,
Vai ao alto Pindo
Rebater as mágoas
Que vivo carpindo.

Lá de Mnemosine
Chega-te a presença
E para falar-lhe
Suplica licença,

Rende-lhe teus cultos
Dá-lhe vassalagem
E todo curvado
Presta-lhe homenagem

Pede-lhe que te mostre
Suas filhas belas
Pois levas rendado
Para todas elas.

Apresenta-te às nove
Formosas Camenas,
As minhas saudades
Minhas duras penas.

Diz-lhes que os cantos
Que elas me inspiraram
Já em triste pranto
Prestes se mudaram.

Que vivo do Fado
Fazendo mil queixas
Cantando somente
Insulsas endechas

Conta-lhes meu Estro,
Que eu sem o amável
Tratamento delas
Vivo inconsolável.

Mas este não é
O fim da mensagem
Nem mesmo o motivo
De tua viagem.

Eu te exponho tudo:
Descubro o segredo,
Que de Argus e Zoilos
Nunca tive medo.

Há uma entre Elas
Por quem eu suspiro,
Por quem desatino,
Anseio e suspiro.

Ela tem a forma
Toda angelical,
É uma que canta
Com voz divinal

Na mão tem a flauta
Por ela inventada,
Regendo harmonia
De uma arte encantada.

Com a linda fronte
Coroada de flores,
Desprende da flauta
Sons encantadores.

Por esta é que sinto
Mais paixão no peito,
Por quem sinto n'alma
Amor mais perfeito.

Euterpe... se chama,
Que nome engraçado!...
Eu sempre o repito
Todo extasiado

Nessa feiticeira
Dá um abracinho,
E muito em surdina
Um doce beijinho

Diz-lhe que ando
Perdido por ela,
E que nesta vida
Só anelo vê-la.

Mas isto farás
Com tanto recato
Que zelos não sintam
Tália e Erato.

Mesmo de Calíope
Eu tenho receios
Que pena necessita
Os teus devaneios.

Enfim, como a todas
Rendo adoração,
Só conheço de Euterpe
A predileção.

Volta, vem depressa,
Logo me contar,
Se a viste sorrir,
Se a viste corar.

Ah! não te demores,
Vai, corre meu Estro,
Sê meu confidente,
Deixa-te de sestro.

A ninguém reveles
Tua comissão,
E que se divulgue
Não te importes não.

Fala com o mundo
Como bem quiser,
Viva cada um
Como lhe aprouver.

*Nota de Câmara Cascudo: “Do **Recreio**, 1861”*

OS TRENOS DE UMA AMANTE

Amo muito... e na saudade
Sofro os tratos do inferno,
Arde em meu peito um vulcão
De amor delirante e terno.

Também, terno me idolatra
O mortal que adoro e prezo,
Quando seu nome profiro
Do mundo as vozes desprezo.

Ainda menos oprimida
Nesta odiosa clausura,
Sou feliz, se ele de longe
Diz-me um adeus com ternura.

Ternos suspiros magoados
De um peito quase morto...
Ide ajuntar-vos aos dele,
Prestai-lhe vida e conforto.

Se soubesse o mundo infausto
Do poder dessa paixão,
Desculpava os tristes ais
Que solta meu coração.

Meu Deus! Meu Deus! Meu bom Deus!
Confesso a paixão que aturo;
Revogai a lei tirana
Do meu fado austero e duro.

Quando o mundo me condene,
Só de vós quero a piedade,
Só vós julgais compassivo
Delírios da Humanidade.

ASAS DE CÃO

Clorinda, tu és um anjo
Na candura e na feição,
Mas, a Deus aprouve dar-te
Travessas asas de Cão...

Se hospedar inda eu pudesse
Terna, amorosa paixão,
Seria abrasar-me todo
Nas tuas asas de Cão.

Se voltar aos belos tempos
Eu tivesse em minha mão
Por certo não fugirias
Nas tuas asas de Cão.

Mas, da idade a mão gelada
Já marcou-me o coração,
Não me toques, não me queimes
Com tuas asas de Cão.

Rasgar, romper bem queria
Minha terna devoção,
As plumas aurifranjadas
Das tuas asas de Cão.